



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

JÚLIA MARINHO CARVALHO

MULHER, ESCRITA E PSICANÁLISE:
a escrita feminina e a enunciação da mulher

BRASÍLIA/DF

2024

MULHER, ESCRITA E PSICANÁLISE:

a escrita feminina e a enunciação da mulher

Monografia apresentada ao Departamento de Filosofia da Universidade de Brasília, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharelado e Licenciatura em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Gilberto Tedeia.

Coorientadora: Profa. Dra. Ana Mirian.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Gilberto Tedeia (FIL e PPG-FIL/UnB)

Prof.^a Dra. Ana Míriam Wuensch (FIL e PPG-Bioética/UnB)

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Deliane, minha vó, Maria, minha irmã, Lara, pelo apoio incondicional, pela escuta e cuidado em relação àquilo que aflige, pelo amor mais genuíno e próspero que existe dentro de mim, pelo feminino que regenera e cria. Por terem me estruturado a *ser*. Eu *sou* vocês.

À minha sobrinha, Alice, pelo futuro que vibra aqui dentro, pelo despertar do meu infantil, por ser parte do renascimento geracional desta rede de aliança feminina: é por e para você.

À minha psicanalista, Gracielle, pela escuta humanizadora dos últimos anos. Por ter me provocado o apaixonamento inevitável pela Palavra: que fez ser possível sustentar o que eu penso, sinto e desejo. Por ter sido parte da minha formação como psicanalista. Pelo espaço seguro de elaboração de quem eu sou. Pela ética do amor, que eu soube escutar.

Às minhas professoras e professores ao longo da graduação, que de diferentes formas me levaram ao tema deste trabalho. Pelo apoio intelectual em relação à produção acadêmica. Por terem sido parte da minha formação como pesquisadora e professora. Sobretudo, por terem me instigado a ler.

Às minhas amigas, Anne, Julliana, Julia, Giovanna, Ana e Vanessa, pela rede de amizade feminina que transforma tudo, pela compreensão que prescinde a fala, pelo amadurecimento construído juntas, por acreditarem em mim mais do que eu mesma. Pelo pertencimento e amor; por me humanizar.

Ao Carlos, meu namorado, pelo amor sublime. Pela paciência, cuidado e confiança. Por me escutar sem pressa e com interesse. Pela construção de uma relação respeitosa. Por acreditar nos meus sonhos e reafirmar que eu sou capaz.

À mim mesma, pelo compromisso em estudar, pela dedicação com a leitura, por escolher o que ama: a transmissão, o estudo, a clínica. Por fazer do medo motor de criação. Por sonhar e realizar ao mesmo tempo. Por me perguntar todos os dias: “*Che Vuoi ?*”.

“Percebi num relance que a memória já era literatura e que talvez Lila tivesse razão: meu livro – que estava fazendo tanto sucesso – era de fato ruim, e era ruim porque bem organizado, escrito com um cuidado obsessivo, porque eu não soubera imitar a banalidade descoordenada, antiestética, ilógica e deformada das coisas.”

(Elena Ferrante)

RESUMO

Este trabalho discute a tese de Hélène Cixous acerca da escrita feminina, amplamente defendida no texto “O Riso da Medusa” (1975/2022), a fim de ampliar perspectivas no que tange à questão da autoria, da tipologia textual nomeadamente feminina e da produção simbólica, cultural e política consequentes à posição de quem escreve. Com isso, trabalha-se, concomitantemente à análise do texto de Cixous, epistemologias, ideologias e concepções teóricas que participam da construção da tese da autora, como a psicanálise de Freud e Lacan, o feminismo decolonial e a crítica literária acerca da autoria feminina. Por fim, compreende-se que a escrita feminina produz a enunciação da mulher, que se trata de sua invenção comprometida com a emancipação educacional, ética, estética, imaginária, simbólica e real.

Palavras-chaves: Escrita feminina, Psicanálise, Enunciação, Emancipação, Hélène Cixous.

ABSTRACT

This work discusses Hélène Cixous's thesis on feminine writing, widely defended in the text "The Laugh of the Medusa" (2022), aiming to broaden perspectives regarding authorship, the specifically feminine textual typology, and the symbolic, cultural, and political production consequent to the position of the writer. In this regard, alongside the analysis of Cixous's text, the study engages with epistemologies, ideologies, and theoretical conceptions that contribute to the construction of the author's thesis, such as Freud and Lacan's psychoanalysis, decolonial feminism, and literary criticism concerning female authorship. Ultimately, it is understood that feminine writing generates the enunciation of women, constituting an inventive act committed to their educational, ethical, aesthetic, imaginative, symbolic, and real emancipation.

Key Words: Feminine writing, Psychoanalysis, Enunciation, Emancipation, Hélène Cixous.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8-12
2. A “ESCRITA FEMININA”.....	13-23
3. A ENUNCIÇÃO DA MULHER.....	24-33
4. DA SUBJETIVAÇÃO À EMANCIPAÇÃO.....	33-38
5. CONCLUSÃO.....	38-41
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	41-44

1. INTRODUÇÃO

De acordo com Regard (2022), o “O Riso da Medusa”¹ (1975/2022), produzido por Hélène Cixous, é um texto, sobretudo, político – vide seu caráter de manifesto –, embora perpassasse pelos campos da literatura, do feminismo e da psicanálise, de maneira a propor uma nova forma de escrever a questão feminina, introduzindo “um novo estilo do feminino”. Ao se aproximar de estudos de gênero pós-coloniais, Cixous (2022) constrói o argumento de que a mulher habita a margem da sociedade, em decorrência das violências e das discriminações sofridas pela coerção feita pelo imperativo masculino, sendo as mulheres, então, uma classe “rechaçada da cultura”. Desse modo, propõe que a retomada da mulher da cultura, bem como do seu corpo, e da sua vida, será a partir da escrita das mulheres sobre as mulheres, visto que “os verdadeiros textos de mulheres, (...) não lhes agradam; os amedrontam; os repugnam” (Ibid., p. 45). Admite-se, portanto, o caráter indomável da escrita feminina à opressão masculina.

A autora em questão, Hélène Cixous, nasceu em 1937, em Oran, na Argélia. Refugiu-se na França a partir de 1955, com a expulsão de seus pais de seu país de origem, em decorrência da perseguição antissemita. Em função de sua residência na França, passou a atuar na Universidade de Paris VIII, na qual criou o Centro de Pesquisa Feminista (1974), junto com sua formação em literatura inglesa. Com isso, Cixous já apresenta em seu imaginário subjetivo e literário o caráter de *estrangeira* ao pensamento e a norma dominante: enquanto *mulher* e *argelina* residente na França. Esta condição é o que pavimenta o conteúdo e a forma de sua escrita, tão quanto a sustentação da sua tese acerca da “écriture féminine” (escrita feminina); que faz da expressão do diferencial do feminino a força maior deste *modus* particular de escrever: a afirmação da própria singularidade existencial de cada mulher em relação às mulheres.

Ao longo da construção do *zeitgeist* francês dos anos 70, Cixous esteve fortemente presente na articulação com a psicanálise lacaniana e com o pós-estruturalismo de Derrida,

¹ A recente edição brasileira do texto supracitado, publicada em 2022 pela editora Bazar do Tempo, merece nota em relação à diferença temporal e local de acesso à obra de Hélène Cixous no Brasil. A publicação do Riso da Medusa em 1975 no francês, e a posterior tradução e revisão para o inglês em 1976, demarca mais de 50 anos de lapso temporal à chegada no português brasileiro. Com isso, tem-se um público leitor brasileiro mais preparado quanto aos desdobramentos psicanalíticos, literários, feministas e filosóficos ampliados na obra, mas que foi, também, afastado historicamente do acesso a este ensaio no momento de publicação; e, conseqüentemente, afastado dos impactos causados pela obra no período de sua publicação.

Foucault e Barthes, embora seja ela quem cria termos para significar a contribuição desses teóricos, isto é, destaca-se sua posição de sujeito de sua criação. Por conta disso, é considerada pela crítica literária uma autora do “feminismo pós-estruturalista”, visto que fundou na atmosfera francesa um novo modo de feminismo, o feminismo literário, ao fomentar a reformulação acerca de conceitos pré-estabelecidos, como o de autoridade, política, nação – com base na literatura (REGARD, 2015). Com isso, Cixous fez emergir uma nova literatura que desestabilizasse o imperativo teórico, literário e filosófico de uma sociedade que o masculino é a lei.

Além disso, Cixous apresenta uma posição pós-colonial acerca do seu feminismo literário, na medida em que sustenta a ausência de referência à Simone de Beauvoir, teórica clássica do feminismo de segunda onda, posto que, por ser uma mulher argelina, compreende que o feminismo branco, europeu e burguês de Beauvoir não dá conta de suas particularidades. Diante disso, é possível entender que o feminismo de Beauvoir carrega estruturalmente uma posição histórica e de classe que definitivamente não contemplava a existência e o pensamento de Cixous, o que dialoga com as implicações feministas brasileiras, que também não podem ser totalmente acopladas no pensar que Beauvoir coloca na obra *O Segundo Sexo* (1949/2016), em que é articulada a experiência do ser mulher a partir de uma posição fenomenológica da experiência francesa; abrindo margem para uma articulação que vai além, em suas próprias referências e singularidades, do ser mulher. Em uma entrevista concedida aos pesquisadores Frédéric Regard e Marta Segarra, intitulada “Méduse em Sorbonne” (2015), Cixous discute acerca da sua intencional transcendência ao referencial feminista francês beauvoriano:

Assim que Catherine Clément me chamou para participar de um número sobre Simone de Beauvoir, eu disse a ela meu sentimento em relação a Simone de Beauvoir, e que eu seria neutra: há um campo com o qual eu não consigo trocar, que para mim já é passado. (...)

Eu vejo este velho casal [Simone de Beauvoir e Jean-Paul Sartre], frágil, pouco esclarecido, extremamente inscrito em uma certa época e uma certa classe, como que sob um vidro, em um cofre de museu. Eu compreendi a imensa decepção daqueles na Argélia na minha turma preparatória de literatura que me diziam “Mas então, Paris é isto? A iluminação é isto? ” (CIXOUS, 2015, p. 135).

No livro “Tête-à-Tête: Simone de Beauvoir e Jean-Paul Sartre” (2011) é possível compreender como a relação de ambos provocou na França um abalo sísmico no que tange à

consolidação do pensamento existencialista e feminista. O existencialismo sartreano fundou na mentalidade francesa a concepção de que não existe uma natureza humana ou uma essência *a priori*: é a liberdade do homem que o imputa à criação da sua realidade a partir de suas escolhas. Por outro lado, Beauvoir responde à teoria sartreana mediante a provocação de um furo: como pode a mulher criar a sua realidade mediante as suas escolhas quando a sua liberdade é limitada pelo imperativo masculino? Diante disso, ressalta-se o caráter do pensar independente entre Sartre e Beauvoir, ambos em suas obras com termos próprios, embora com influências recíprocas. Sendo assim, a pergunta de Beauvoir motivou as produções teóricas do feminismo da segunda onda, no qual buscou-se desnaturalizar a feminilidade enquanto a essencialidade das mulheres, ao sustentar a sua condição de constructo social e da produção artificial da alteridade feminina.

Ainda assim, para os estudos de gênero, a relação teórica *Beauvoir-Sartre*, que parte de uma associação existencialista para um entendimento da realidade do ponto de vista feminista, acabou por dialogar e reforçar concepções de classe e de época que ficaram datadas, sob a compreensão do feminismo pós-colonial, que concebe a terceira onda feminista. Nessa lógica, a pesquisadora Oyèrónké Oyěwùmí, no livro “A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero” (2021), problematiza principalmente a questão do gênero como uma categoria de distinção social universal, que explora a subordinação também universal da classe feminina, uma vez que a autora revela que, antes do processo de colonização, essas perspectivas não existiam na sociedade Iorubá. Dessa forma, a autora atribui ao processo de colonização a fundação da inferiorização da mulher no imaginário africano, sustentando a necessidade de uma análise decolonial do feminismo, na necessidade de apontar as insuficiências das categorias e dos instrumentos de análise do feminismo quando este não admite a particularidade e a ontologia estruturante de cada cultura².

Compreende-se neste trabalho, portanto, que o feminismo é, para além de um movimento social, uma epistemologia. O feminismo, assim, caracteriza-se por ser um conjunto de reflexões

² É digno de nota o compromisso deste trabalho com as referências feministas que se ocupam em dialogar suas análises acerca da condição da mulher com os estudos decolônias. Para isso, ressalta-se a limitação do argumento de Beauvoir, tão destacado por Cixous, embora seja importante considerar o impacto do pensamento da autora como pavimentação de um solo fértil para o debate acerca da mulher. No decorrer deste trabalho, a perspectiva de pensadoras da segunda onda do feminismo será incrementada ao texto (Betty Friedan e sua crítica à psicanálise freudiana – o que também é feito por Beauvoir*), o que marca a importância de seus aportes, embora seja necessário que haja a compreensão da inevitável sustentação colonial e branca de feministas europeias e norte-americanas na história do pensamento feminista; o que, mais uma vez, não invalida suas contribuições, mas abre espaço para um pensar que, ao partir destas referências, vai além.

* No v.1 de *O Segundo Sexo* (1949/2016), no tópico 2, “O ponto de vista psicanalítico”, da primeira parte, intitulada “Destino”.

que busca entender como se opera a realidade a partir de formas de posições binárias e hierárquicas. Com isso, esforça-se em pensar a questão da violência, isto é, como, a partir do marcador da diferença sexual, há a distribuição desigual da violência em relação a homens e mulheres. Entende-se que a diferença sexual opera uma divisão não só da diferença, mas também da hierarquia, sendo aí onde se reside o problema que torna as mulheres uma classe “subumana” socialmente. Desse modo, a epistemologia feminista revela a opressão, em relação à deteriorização da imagem do feminino, existente na sociedade. Com o entendimento decolonial somado ao feminismo, sustenta-se a ampliação da compreensão do fenômeno de opressão das mulheres a partir da análise dos efeitos provocados pelo processo de colonização europeia – de bases étnico-racistas, sexistas, classistas e hegemônica quanto à religiosidade cristã –, de naturalização da classe burguesa e do ideal de branquitude: é aqui, portanto, que se situa o pensamento de Cixous.

Ademais, há um outro ponto fundamental que pavimenta a concepção construída por Cixous, que é o fazer emergir uma representação social acerca da mulher mais igualitária e emancipatória a partir da produção literária de mulheres. Os estudos acerca do tema “Mulheres e Ficção” são muitos, e buscam compreender o atravessamento inerente à escrita feminina de uma força indomável, inclassificável e destruidora, já que necessariamente aponta para a criação e a invenção do *ser mulher* frente ao epistemicídio existente na produção histórica e literária da classe feminina³. Neste âmbito de pesquisa, os textos de Virginia Woolf são amplamente estudados, já que esta autora carrega como marca de registro o paradoxo de defender e de escrever sobre algo do qual houve um recalque no imaginário social: o feminino.

A motivação da escrita de Virginia Woolf pode dialogar com a motivação da *querelle des femmes* (querela das “fêmeas”/mulheres), que foi um importante movimento existente na literatura, o qual, segundo Deplagne (2021), tratou-se de “um debate literário e político sobre a natureza feminina (...) iniciado no limiar do século XV, na França, e que se estendeu por aproximadamente quatro séculos”⁴ (p. 28). A esta querela literária, portanto, evidenciou-se a

³ Compreende-se o termo “classe feminina” como um instrumento de centralização dos elementos que perpassam, de modo coletivo e geral, a experiência da condição da mulher na sociedade. Para isso, pensa-se com o termo “classe feminina” a experiência de uma *categoria* que, embora reconheça as diferenças intrínsecas ao ser mulher, defende que há experiências coletivas e, por isso, experiências “de classe”.

⁴ Inclusive no primeiro parágrafo do v.1, na introdução, de *O Segundo Sexo* (1949/2026) de Beauvoir: “A querela do feminismo deu muito que falar: agora está mais ou menos encerrada. E não parece que as volumosas tolices que foram ditas neste último século tenham realmente esclarecido a questão. Ademais, haverá realmente um problema? Em que consiste? Em verdade, há mulher?” (BEAUVOIR, 1967, p. 9).

motivação, por meio de manuscritos, livros ou panfletos, de argumentações que ora defendiam o sexo feminino, ora o criticavam. Por esse motivo, a querela das mulheres marca um debate inflamado sobre pontos de vistas contrários, uma discussão em andamento, uma espécie de resposta literária aos pressupostos misóginos: uma apologia às mulheres.

A obra “A Cidade das Damas” (1405/2012), de Christine de Pizan, é um dos registros iniciais da *querelle des femmes*, pois inaugura um gênero literário de defesa das mulheres, de crítica à suposta inferioridade do sexo feminino. Nesta obra, que é entendida como um acervo representativo e dialógico de biografias de mulheres, é vista, por meio da ficção literária, a defesa da virtude de mulheres biográficas, que antes eram inferiorizadas pela mitologia greco-romana, pelas narrativas bíblicas e pelas crônicas de época. Pizan assume, desse modo, que a inferiorização da imagem histórica e política da mulher se dá, sobretudo, porque esta é uma produção masculina, e passa a exaltá-las em seu trabalho. Dessa forma, sua obra reflete literariamente a criação do ponto de vista feminino e a criação de uma cidadania de mulheres: a criação de uma cidade de mulheres é, também, a criação da mulher a partir do imaginário feminino e a criação de uma cidade para as mulheres, isto é, a cidadania feminina, portanto. Isto acontece em detrimento do artifício da autorreferencialidade literária, pois este demarca a capacidade da obra de voltar-se à si mesma, tanto em seu conteúdo, quanto em sua forma, o que pode ser visto na escrita de Pizan, como pontua Deplagne (2021): “a autora não se limita a criticar a misoginia dessa tradição androcêntrica, mas reescreve mitos e crônicas sobre figuras femininas, a partir de uma perspectiva feminista” (p. 31).

É neste ponto que é possível tecer uma análise literária com base em uma escrita propriamente feminina (e feminista). É Hélène Cixous, em “O Riso da Medusa” (1975/2022), que inaugura a tese de uma “écriture féminine” (escrita feminina), pois argumenta que a mulher inscreve o que ela diz de uma forma específica: existindo, assim, a marca do feminino no nível do conteúdo e no nível formal. Desse modo, a autora argumenta que a entrada da mulher na história, entrada esta que rompe com o lugar do silêncio, isto é, com a narrativa produzida pelos homens, é a partir da escrita feminina sobre o feminino. É assim, e somente assim, que as mulheres conseguirão se inscrever no texto, na história e no mundo com base na lógica de uma mera

diferença, e não da hierarquia, em busca de reencontrar as suas próprias particularidades⁵ (MILAN, 1982).

2. A “ESCRITA FEMININA”

Em “Profissões para mulheres e outros artigos feministas” (2020), Virginia Woolf levanta, com base no estatuto literário, uma pergunta filosófica: o que é uma mulher? A esta pergunta soma-se a complexidade de que, para saber o que é uma mulher, é preciso que haja, na realidade, a expressão de seu ser: “Duvido que alguém possa saber, enquanto ela não se expressar em todas as artes e profissões abertas às capacidades humanas” (WOOLF, 2020, p. 14). Desse modo, a autora constrói o argumento de que a falta do registro feminino na escrita e da atuação das mulheres na esfera pública, isto é, nas profissões, dá-se justamente pela usurpação das condições materiais para tais feitos em decorrência da dominação masculina.

A educação, assim, seria a saída plausível deste cenário catastrófico, e é à isto que Woolf direciona a responsabilidade pelo aumento considerável de mulheres escritoras no século XVIII⁶. Portanto, a educação não só forneceu às mulheres a possibilidade material de mobilidade do privado para o público, mas também ofereceu a elas a possibilidade de romper com a dominante consciência masculina que fora internalizada. Para Woolf é precisamente essa internalização que causa a estagnação do conteúdo artístico nomeadamente feminino, e é a partir do rompimento com esta alienação que é possível enxergar a liberdade de escrita feminina:

Foi a consciência do que diriam os homens sobre uma mulher que fala de suas paixões que a despertou do estado de inconsciência como artista. (...) Isso creio que é uma experiência muito comum entre as mulheres que escrevem – ficam bloqueadas pelo extremo convencionalismo do outro sexo (WOOLF, 2020, p. 16-17).

⁵ Admite-se neste trabalho que a posição de quem escreve viabiliza inscrições possíveis no mundo, a partir de um campo de representação aberto pela palavra. Assim, entende-se que “quem escreve, inscreve-se”. Logo, sustenta-se que a forma de escrita é formadora do pensamento e de possibilidades da linguagem, oral e escrita.

⁶ Embora se considere, neste trabalho, uma *maior* inserção das mulheres no ofício da escrita a partir do século XVIII – período no qual a aceitabilidade social caminhava rumo a alterações significativas quanto ao exercício feminino das profissões –, vale ressaltar que havia, antes disso, mulheres escritoras. Há evidências da presença significativa de mulheres escritoras em diferentes épocas, tais como Safo, Aspásia, Hipárquia e Hipátia de Alexandria, e em diferentes áreas, como medicina, artes, música, educação e política.

Em sua produção literária, Woolf defende fortemente a igualdade intelectual entre homens e mulheres, uma vez que localiza o epistemicídio das criações femininas na relação de “barbárie semi civilizada” que o imperativo masculino impõe. Dito isso, a autora propõe que para que homens e mulheres tenham as mesmas condições de escrita, é preciso que as mulheres não somente tenham acesso à educação, mas também liberdade de experiência e suas atividades mentais incentivadas, a possibilidade de escrever sem receio e de poder se expressar claramente, e que sempre existam mulheres que exercitam o pensar, o inventar, o imaginar e o criar com as mesmas condições materiais que os homens (WOOLF, 2020). Além disso, a autora localiza que a naturalização do trabalho doméstico repetitivo e constante, a autorização social de interromper e de solicitar a presença da mulher a todo instante, a inexistência de tempo ocioso na rotina das mulheres e a falta de dinheiro legitimamente pertencente à classe feminina, fomentaram a ausência de direitos claros e precisos que defendesse a liberdade das mulheres; inclusive a de escrever.

É com essa perspectiva que Woolf defende, em “Um teto todo seu” (1928/2014), que a aparente separação entre mulheres e a produção de ficção falha na tentativa de naturalizar esta oposição, posto que a escassez de literatura produzida por mulheres se dá em decorrência da exclusão histórica e literária da autoria feminina, e não de uma relação essencial. É uma questão de autoria, portanto, a autorização social de poder determinar o registro, a história, a memória, o saber: é *disso* que são excluídas as mulheres. Diz ela, assim, que para existir mulheres escritoras é preciso de um mínimo de condição humana para tal feito: “Uma mulher precisa ter dinheiro e um teto todo seu, um espaço próprio, se quiser escrever ficção; e isso, como vocês verão, deixa sem solução o grande problema da verdadeira natureza da mulher e da verdadeira natureza da ficção” (WOOLF, 2014, p. 12).

É relevante ressaltar o delineamento feito por Woolf no que tange à relação entre a pergunta “O que é uma mulher?” e a pergunta “Por que existe a escassez de literatura produzida por mulheres?”: a segunda parece responder a impossibilidade de resposta da primeira. E é a partir desse enigma que surge o movimento de apologia à *escrita feminina*: é preciso que as mulheres *escrevam sobre si* para poder *dizer o que são*. O interesse em separar as mulheres da escrita, portanto, é o interesse de empobrecê-las ideológica, existencial⁷, intelectual, financeira e culturalmente. Para Woolf, a tendência masculina de inferiorizar o sexo feminino esconde, na

⁷ Por existencial ressalta-se o apagamento da própria vida, em sua existência e identidade singular, que é minada e reduzida na alienação à soberania do “Universal” masculino.

realidade, a intenção de promover e convencer acerca da própria superioridade: “Por isso a enorme importância para o patriarcado de ter de conquistar, ter de governar, de achar que um grande número de pessoas, metade da raça humana, na verdade, é por natureza inferior”⁸ (WOOLF, 2014, p. 54). A raiva, desprezo e ódio masculinos direcionados às mulheres são, dessa forma, estratégias de *outrificação* da classe feminina e de uma supervalorização do papel do masculino no mundo (JAFFE, 2014).

A produção histórica da “loucura feminina”⁹ também é algo que surge, na obra de Woolf, como possibilidade de julgamento social e clínico às mulheres que ousaram escrever literatura. Nesse sentido, Foucault (1978) compreende que a loucura é uma produção histórica, pois é criada e serve aos interesses de um determinado contexto e tempo social. Em vista disso, a patologização de mulheres surge como consequência do estabelecimento de padrões de condutas normatizadoras acerca das condições sociais e existenciais de uma mulher. Na medida em que marginaliza socialmente as mulheres que não se alocam no imperativo da normalidade, esta patologização age coercitivamente: “(...) qualquer garota muito talentosa que tenha tentado usar seu dom para a poesia teria sido tão impedida e inibida por outras pessoas, tão torturada e feita em pedaços (...), que deve ter perdido a saúde e sanidade, com certeza” (WOOLF, 2014, p. 74). Desse modo, Woolf ressalta um caráter importante que surge nas criações artísticas produzidas por mulheres: a agressividade contra o estatuto dominante, a angústia irracional perante a tentativa de silenciamento e a força avassaladora de invenção.

Para Cixous, a questão da loucura feminina também aparece como sintoma sócio-cultural feminino, às mulheres que ousaram ultrapassar os limites impostos pela cultura masculina. O domínio patriarcal da linguagem e das representações sociais alocou as mulheres subversivas no estatuto da insanidade: “bruxas, histéricas e loucas”. Ela diz: “Qual é a mulher que, surpresa e horrorizada pela balbúrdia fantástica de suas pulsões (já que a fizeram acreditar que uma mulher bem equilibrada, normal, é de uma calma...divina), não se acusou de ser monstruosa?” (CIXOUS,

⁸ Aqui faz-se uma hipótese psicológica quanto à psicologia masculina operante às mulheres em uma estrutura patriarcal, que é retirada de evidências textuais de Woolf. Este mesmo processo pode ser pensado a partir do texto de Pizan*, que, ao fomentar o diálogo entre Christine e a dama da Razão, busca entender por quais motivos os homens inferiorizam e depreciam as mulheres, e compreende, por meio da ironia, que não há um sentido válido para tais feitos.

* A Cidade das Damas (1405/2012), Livro primeiro, capítulo VIII.

⁹ Em Pizan (2012), no diálogo entre Christine e a dama da Razão, nomeia-se por *filoloucura* os tratados filosóficos, escritos por homens que, em decorrência da inveja masculina às virtudes das mulheres, as representam negativamente em seus escritos. Por essa razão, a ira (loucura) masculina é formadora desses escritos, e são classificados, ironicamente pela dama da Razão, como *filoloucura*, em função do caráter falacioso da escrita filosófica masculina acerca das mulheres.

2022, p. 44). Localiza-se, portanto, que o ser mulher subverte os ideais sociais acerca da feminilidade, e que a escrita feminina se responsabiliza por fazer surgir e materializar essa subversão.

Nesse sentido, acerca da possibilidade de escrita para homens e mulheres, de acordo com Woolf (2014), o mundo responde aos homens que querem escrever: “Escreva se quiser, não faz diferença pra mim” (Ibid., p.78). Mas para as mulheres, por outro lado, é dito: “Escrever? O que há de bom na sua escrita?” (Ibid., p. 78). Woolf aponta que o que é sentido como indiferença do mundo para com a criação artística para os homens, é vivido como hostilidade, discriminação e desvalorização para as mulheres. Com isso, ressalta-se: quanto à escrita, homens e mulheres vivem realidades profundamente diferentes material e imaterialmente, e é por isso que o afastamento das mulheres do ato de escrever não é algo natural, mas sim, produzido:

A liberdade intelectual depende de coisas materiais. A poesia depende da liberdade intelectual. E as mulheres sempre foram pobres, não só por duzentos anos, mas desde o começo dos tempos. As mulheres gozam de menos liberdade intelectual do que os filhos dos escravos atenienses. As mulheres, portanto, não tiveram a mais remota chance de escrever poesia. É por isso que dei tanta ênfase ao dinheiro e ao espaço próprio (WOOLF, 2014, p. 151).

Ao especular a respeito do aumento da inserção da mulher na produção de literatura, nos séculos XIX e XX, Woolf aponta que seria importante que as mulheres preservassem um modo próprio de fazer literatura, que não adotassem o modo masculino de escrever. A autora compreende que o interessante da existência de dois sexos diferentes, é que eles sejam diferentes. Por isso, Woolf enfatiza a necessidade da vastidão e da variedade de formas de produzir ficção, e que é esta a função da educação igualitária: fortalecer as diferenças, em vez de produzir similaridades (JAFFE, 2014).

Diante desta questão, Cixous, no texto “O Riso da Medusa” (2022), busca desestabilizar esse mundo em que a sexuação determina definitivamente as estruturas de poder. Este mundo no qual a diferença sexual passa a ser oposição, hierarquia e exclusão de um sexo perante o outro. É por conta disso que neste manifesto Cixous pretende dar corpo à mulher na tentativa de combater seu apagamento, de modo a conceituar que: a inscrição da mulher no texto promove a inscrição da mulher no mundo. Sob alusão ao mito da Medusa, figura que performou o terror perante os homens, e fora executada por eles, Cixous sustenta que, cansada de tantas decapitações de mulheres que fogem à norma de subserviência, busca emergir as mulheres inteiras, potentes,

alegres e livres na mitologia, na literatura e no mundo. Sobretudo, busca emergir o *riso* destas mulheres: “Se a Medusa começa a rir, não é porque ela *ressurge* inscrevendo-se no mundo dos vivos sob a forma de uma morta-viva, mas porque ela *consegue* se inscrever” (REGARD, 2022, p. 20).

Em decorrência disso, Cixous visa teorizar um tipo próprio de escrita: a escrita feminina. Para a autora, existe uma economia libidinal masculina e uma economia libidinal feminina. A economia libidinal masculina estaria impressa nos textos em que existe uma construção organizada, estruturada, com começo, meio e fim. Por outro lado, a economia libidinal feminina estaria impressa nos textos inclassificáveis, que estão sempre em aberto, transbordando afora o quadro de significação, “ilógicos” na medida em que furam o estatuto da racionalidade fálica.

Embora o mais comum seja a escrita feminina produzida por mulheres, e a escrita masculina produzida por homens, estas escritas são funcionamentos literários que não necessariamente estão ligadas diretamente ao sexo: há pessoas do sexo masculino que escrevem com a economia libidinal feminina e há pessoas do sexo feminino que escrevem com a economia libidinal masculina. A maior ocorrência da identificação direta entre sexo e escrita está ligada ao processo de socialização, que engendra diferentes performances de gênero e, portanto, literárias, aos diferentes sexos; e só alguns indivíduos conseguem borrar essas barreiras performáticas (ZANELLO, 2022). Pensar uma teoria de funcionamentos libidinais é, portanto, pensar um registro performativo na linguagem, na medida em que o registro, escrito e oral, viabiliza a inscrição de *alguém*, abrindo margem para uma teoria literária sexuada e/ou de gênero.

No entendimento da psicanálise, a pulsão, um conceito fundamental e de fronteira, seria um estímulo para o psiquismo (FREUD, 2021). Este estímulo difere do estímulo instintual, o qual tem origem fisiológica. Portanto, o estímulo pulsional caracteriza-se por ser uma força constante, que visa a satisfação, tem origem no interior do organismo e representa o campo fronteiro entre o anímico e o somático. A “economia libidinal” que Cixous sustenta coaduna com o conceito de pulsão aferido por Freud, pois ambos concordam quanto às características de pressão, meta, objeto e fonte. A pressão é fator motor da pulsão, é o caráter de atividade dessa economia libidinal. A meta é a sua busca por satisfação e prazer. O objeto da pulsão é sempre variável, permitindo à essa economia libidinal o deslocamento metonímico e metafórico e a substituição de recursos para a satisfação. Por fim, a fonte da pulsão e/ou da economia libidinal é alguma parte do corpo, cuja satisfação é buscada através da representação anímica. Desse modo, ao falar sobre

a força pulsional do funcionamento da escrita feminina, Cixous se utiliza de um saber já delineado por Freud, embora ofereça como contribuição e inovação a particularidade da pulsão na tessitura de uma literatura propriamente feminina.

A escrita feminina, assim, caracteriza um funcionamento literário através do qual se prioriza uma economia libidinal que não coaduna com a lógica fática, a lógica da busca por supressão, classificação e dominação. Semiologicamente, a escrita feminina localiza um projeto revolucionário ao fazer da escrita um processo de corporificação de uma existência não colonizada pela dominação masculina. É por conta disso que a escrita feminina é por vezes considerada como é anti-utilitária, irracional, inacabada, antiestética: trata-se de uma outra economia, de uma outra direção e entendimento acerca do “gasto” e da “produção”, de uma ruptura à lógica cartesiana de escrita¹⁰, de uma literatura que visa ao inacabamento, à impolidez e à desrazão: “O *corpus* é marcado, assim, pela potência da heterogeneidade e da erogeneidade, (...) gozo semiótico do *dom da alteridade*, do movimento, do móvel, do fluido (...) de um ritmo do feminino” (REGARD, 2022, p. 17).

No texto “A feminilidade” (1933/2021) Freud esclarece que “a psicanálise não quer descrever o que é a mulher, (...) mas, sim, pesquisar como ela se torna mulher¹¹, como se desenvolve a partir da criança dotada de disposição bissexual” (FREUD, 2021, p. 318). A esta questão coloca-se o fato de que o percurso do “tornar-se mulher” é pensado pela psicanálise freudiana, frente à bissexualidade psíquica, a partir da predominância de disposições passivas no psiquismo da mulher. Com isso, a sexualidade feminina, pensada como correlata aos atributos da feminilidade, foi subdeterminada frente à tese universal do órgão masculino, o que impediu a descoberta do órgão feminino como em si mesmo. Este apagamento sustentou a tese do *tornar-se mulher* perpassada pela passagem do clitóris à vagina, por uma “maioridade genital e psíquica”:

(...) com a virada para a feminilidade, o clitóris deve ceder, totalmente ou em parte, a sua sensibilidade, e, com isso, sua importância, à vagina, e essa seria uma das duas tarefas que devem ser cumpridas no desenvolvimento da mulher (FREUD, 2021, p. 321).

¹⁰ É digno de nota o porquê da utilização dos termos “ilógico” e “irracional” quanto à escrita feminina: o que se espera com essas demarcações é o entendimento da subversão à lógica e à razão cartesiana, que não aceita concomitâncias, “pura” e dominante, segundo Kant, e “absoluta”, com Hegel; isto é, espera-se opor a Razão feminina ao sentido masculino acerca da Razão. Com isso, abre-se possibilidades para pensar uma Razão feminina: uma razão afetiva, experimental, intuitiva, que se organiza sem hierarquias, e a partir da cooperação, que admite pares opostos, que é *decolonial*.

¹¹ Questão central na obra de Beauvoir, acerca do “tornar-se” mulher; da formação do *ser* mulher a partir da socialização feminina.

Em detrimento disso, Cixous rompe com essa noção de que a mulher se constitui pela predominância de disposições passivas no psiquismo, justamente por recuperar a noção fundamental de pulsão teorizada por Freud: “Toda pulsão é uma parcela de atividade; quando se fala de modo descuidado de pulsão passivas, essas nada mais seriam que pulsões com uma meta passiva” (2021, p. 25). Com isso, Cixous localiza a insuficiência dessa noção de passividade encontrada no feminino, que na realidade foi artificialmente criada em consequência à tese da supremacia do pênis. Assim, Cixous entende que a economia libidinal feminina se utiliza dessas barreiras para transgredi-las por meio da escrita: há, assim, o caráter de atividade da pulsão na expressão do feminino na escrita feminina.

Segundo a psicanalista Iaconelli (2023), nomear as estruturas anatômicas, descrever a fisiologia humana e compreender a diferença sexual é um trabalho em constante disputa ao longo da história da humanidade. Até o final do século XVIII, sobressaía-se o modelo do sexo único, no qual a mulher era entendida como uma versão inferior ao homem, posto que seu órgão genital seria uma versão mal desenvolvida do órgão genital masculino. Na passagem para o século XIX, o modelo dos dois sexos operou predominantemente: neste modelo há a consideração da diferença sexual entre homens e mulheres, embora considera-se, também, o sexo masculino superior em qualidade. Nesse contexto, Iaconelli (2023) sustenta que o legado freudiano transita entre estes dois modelos, uma vez que Freud argumenta “ora apostando na incomparabilidade entre os sexos (modelo dos dois sexos), ora mantendo a interpretação dos órgãos femininos como versões dos órgãos masculinos (modelo do sexo único)” (p. 41). A compreensão freudiana do “tornar-se mulher” perpassada pela transição de obtenção de satisfação pelo clitóris à vagina representa essa transição entre os dois modelos: adota-se a perspectiva falocêntrica, na qual o pênis é o universal, isto é, melhor em qualidade, e compreende-se que o prazer da mulher deve obedecer à lógica do pênis, ou seja, “vir de dentro”, pela vagina. Ao mesmo tempo em que se considera a diferença sexual, tenta-se apagá-la, ao considerar o primado do genital operado pelo pênis.

Para Iaconelli (2023), o apagamento da fisiologia clitoriana feita por Freud motivou-o a sustentar a concepção acerca da “inveja do pênis”. Concepção esta que é oriunda do entendimento de que a mulher, quando comparada ao sexo masculino, internaliza a sua natureza como “privada” do falo e, com isso, é invadida pela “inveja do pênis”. De acordo com Laqueur (2001), essa hipótese freudiana serviu à lógica masculinista, na qual a sexualidade feminina é

inibida em detrimento da supremacia do pênis, e trata-se de uma conceitualização manipulada por uma ideologia patriarcal.

É de acordo com essa crítica que Cixous rebate a teoria freudiana. Diz ela em uma entrevista explorada pela repórter Mena, na Folha de São Paulo (2022): “Tudo o que se pensava sobre a diferença sexual e sobre a humanidade estava fortemente enviesado a partir da repressão à mulher”. Com base nisso, Cixous faz um trocadilho com a concepção freudiana de mito e castração, e compreende que, a partir desse jogo simbólico, Freud, adotando uma perspectiva masculinista, caracterizou o genital feminino a partir da ausência do pênis, e fez disso solo para o surgimento da concepção de “inveja do pênis”:

De tanto afirmar e de implementar o primado do falo, a ideologia falocrática fez mais de uma vítima: sendo mulher, eu pude ser ofuscada pela grande sombra do cetro, e disseram-me: adore-o, esse que você não ostenta”, ela escreve. “Mas, com o mesmo golpe, deu-se ao homem esse grotesco e, imagine só, pouco desejado destino de ser reduzido a um só ídolo com bolas de argila. E, como notam Freud e seus sucessores, de ter pavor de ser uma mulher (Cixous em Folha de São Paulo, 2022, pág. 5).

O pavor de ser mulher, portanto, é compreendido por Cixous como o núcleo da opressão masculina para com as mulheres. Ironicamente, o primado masculinista oprime e inferioriza aquilo que ele mais teme e, também, adora: o feminino. Assim, o feminino surge como esse campo de batalha em que se representam inúmeras disputas pelo poder: a repressão do feminino serve à valorização do masculino. Por conta disso, Cixous compreende que, com o avançar do movimento das mulheres, o feminino passa a ser representado como um campo libidinalmente poderoso, e isto causa uma gigantesca ameaça ao primado masculinista, motivando uma reatualização de mecanismos repressivos ao *ser mulher*: “E, como notam Freud e seus sucessores, de ter pavor de ser mulher! Pois, se a psicanálise se constitui a partir da mulher, e a recalcar a feminilidade da sexualidade masculina, ela apresenta (...) um resultado quase irrefutável” (CIXOUS, 2022, p. 60) .

A poeta e feminista Audre Lorde apresenta uma interessante concepção acerca do campo erótico, que pra ela é propriamente feminino. No texto “Usos do erótico: o erótico como poder” (2021), Lorde compreende que o erótico é um recurso intrínseco de cada indivíduo, mas que ele é especialmente fundamentado num campo feminino, pois tem suas raízes no poder dos sentimentos que foram reprimidos e desvalorizados. Com isso, a autora faz uma associação à condição feminina, que foi reprimida socialmente, mas que nem por isso deixou de ter sua

própria força e fonte de poder. O erótico, portanto, é esse campo que lança ao movimento, à mudança, que fornece uma energia revigorante e provocativa, que tende à insurreição. Ela difere do erótico do pornográfico, este último, sendo a manipulação do erótico a partir do modelo masculino de poder. Desse modo, o horror ao erótico remete ao horror ao feminino:

É claro, mulheres tão empoderadas são perigosas. Então somos ensinadas a dissociar a demanda erótica da maiorias das áreas vitais das nossas vidas, com exceção do sexo. E a falta de preocupação com as bases e as gratificações eróticas do nosso trabalho repercute em nossa insatisfação com muito do que fazemos. (...) Fomos educadas para temer o “sim” dentro de nós, nossos mais profundos desejos (LORDE, 2021, p. 69-72).

Desse modo, no que tange à força libidinal e erótica do feminino, Cixous compreende que as mulheres foram afastadas da escrita, bem como de seus corpos, e da experimentação livre de sua sexualidade, pelo mesmo objetivo mortal: a dominação patriarcal. Diante disso, argumenta que é com a escrita feminina acerca do feminino que as mulheres conseguem ultrapassar esses limites, ao provocar e desmontar a ira masculina: “Os verdadeiros textos de mulher, textos com sexos de mulheres, não lhes agradam; os amedrontam; os repugnam” (CIXOUS, 2022, p. 45). Cabe à escrita feminina, assim, inscrever a *feminilidade crítica*, isto é, a feminilidade derivada do feminino e que não reproduz a passividade imposta pelo masculino, mas que é *feminista* no sentido crítico, subversivo e plural. Trata-se de inscrever uma escrita que carrega consigo a possibilidade de mudança, de movimento, de subversão.

A autora defende que a história da escrita é a história da *Razão* e, por isso, corresponde à tradição falocêntrica. À história da escrita coube a função da hierarquia sexual, da repressão do feminino, do imperativo libidinal-cultural-literário masculino e, portanto, do afastamento da mulher do ato da escrita, a partir da oposição, e não da diferença, sexual. Ela traz: “Eu defendo, sem equívoco, que existem escritas *marcadas*; que a escrita foi, até agora, (...) repressiva, (...) administrada por uma economia libidinal cultural – logo, política, tipicamente masculina” (CIXOUS, 2022, p. 49). Assim sendo, Cixous compreende que há um infinidade de assuntos dos quais as mulheres precisam vir a escrever:

(...) sobre sua sexualidade, quer dizer, sobre sua infinita e móvel complexidade, sobre sua erotização, sobre as combustões fulgurantes vindas de tão ínfima-imensa região de seus corpos; não sobre o destino, mas sobre a aventura de tais pulsões, viagens, travessias, encaminhamentos, bruscos e lentos despertares, descoberta de uma zona há pouco tempo tímida, em breve emergente (CIXOUS, 2022, p. 63).

Há um importante encontro literário que motivou Cixous a estudar acerca da escrita feminina: o encontro com Clarice Lispector. Em 1989, publicou, na França, a obra “A hora de Clarice Lispector” (2022), contribuindo para a disseminação do pensamento clariceano no território francês. Em uma entrevista concedida à Betty Milan, em 1993, Cixous expressa que a razão para a introdução tardia de uma das maiores escritoras brasileiras no mercado editorial francês, e também nos costumes de leitura da país, se deu em consequência da repressão provocada por setores tradicionais desta nação, que não são receptivos aos estrangeiros. Para Cixous, portanto, Clarice escreve de uma forma filosófica, metafísica, que abre um campo de possibilidades, mas sem defini-las, e é disso que Cixous compreende – além do fato de ser uma escrita advinda de uma mulher – que os franceses não conseguem suportar¹².

Nessa perspectiva, Cixous entende que os textos de Clarice são inteiramente marcados pelo o que ela denomina de “economia libidinal feminina”. É esta força da escrita de Clarice que, para Cixous, incomoda os muitos leitores, que são classicamente misóginos. Sua investigação por Clarice, assim, tenta dar contornos possíveis ao trabalho de abertura infinita, tanto no nível formal, quanto no de conteúdo, que a escritora brasileira propõe:

Penso sobretudo em textos como *Água viva*, modelo de inscrição de uma feminilidade libidinal no nível formal. É um texto que não começa, que não termina, constituído de inúmeros começos; é uma enorme corrente de água, uma água viva, um texto que não tem limite, moldura, que pede uma leitura diferente. (...) Trata-se de um movimento que as pessoas não têm o hábito de fazer. Isso no nível formal. Mas no nível do conteúdo é a mesma coisa, aquilo de que Clarice fala é absolutamente subversivo em relação à mentalidade média, ela sempre se interessa, por exemplo, pelo que há de menor, de mínimo (CIXOUS, 1993, p. 1).

O texto “A hora de Clarice Lispector” (1989/2022), escrito por Cixous, remete-se a um “tratado filosófico”, de ordem de prosa poética, no qual é apresentada uma profunda reflexão acerca da escrita feminina e do poder da voz de Clarice, já que faz uma referência ao seu texto “A maçã no escuro” (1956/2020). Cixous relata que Clarice direciona a palavra num nível sem igual, pois escreve filosofia poética e/ou poesia filosófica. Para Cixous, Clarice recupera, em sua escrita, o relato, que é muito raro de ser recuperado, e que é propriamente feminino, referindo-se

¹² Vale ressaltar o caráter de *estrangeiras* que Cixous e Lispector apresentam. Ambas nascidas em países diferentes dos quais residem, e tendo de ser a ver com as implicações acerca de suas *nacionalidades*, bem como de suas condições políticas, existenciais* e estruturalmente “estranhas”, enraizadas no judaísmo e na experiência feminina. Ambas fizeram e fazem do estigma, potência!

* Acerca da produção literária com teor existencial e filosófico de Lispector, convém ressaltar que este processo – de considerar a escrita de Lispector uma escrita filosófica – é profundamente mais presente na França do que no Brasil.

à economia oral, sendo esta fluida e em movimento, difícil de ser categorizada. Assim, “A maçã no escuro” (2020), de Clarice, é esse texto em que o elemento romanesco aparece apenas como pano de fundo, já que o que se expressa com supremacia, na realidade, é uma verdadeira meditação filosófica. Desse modo, Cixous profere a seguinte mensagem em relação à força contida na escrita de Clarice, que sobreviveu à tentativa de recalque: “Eu consigo amar uma voz. Sou uma mulher: o amor da voz: nada é mais poderoso do que o toque íntimo de uma voz velada, profunda, mas reservada, vindo despertar meu sangue (CIXOUS, 2022, p. 7).

O conteúdo clariceano, assim, corresponde a essa necessidade de ir à origem das coisas, e fazer a pulsão de vida própria de cada elemento existente retornar incessantemente, abrindo as margens para o porvir (CIXOUS, 2022). Para Cixous, também há um elemento importante na escrita de Clarice, que se trata de usar o medo como motor de criação¹³: “Ela teve a dupla coragem que só as mulheres têm, quando seguem o curso do medo, descendo até o deserto, e o reconheceram até a morte, e lá o provaram para depois voltar” (CIXOUS, 2022, p. 21). O medo, para as mulheres, é um afeto constante, já que surge como resíduo do viver sob opressivas restrições. Audre Lorde retrata, em “A transformação do silêncio em linguagem e em ação” (2021), que é sobretudo importante poder dizer sobre os seus medos, mesmo que se corra o risco da incompreensão, que a fala e/ou a escrita é a recompensa máxima.

Dessa forma, Cixous e sua tese acerca da escrita feminina recupera a noção de seriedade existente na literatura, demonstrando a insuficiência da tentativa de classificação e de categorização que o funcionamento masculino literário impõe. Além disso, Cixous compreende que ao escrever a mulher se compromete com a possibilidade de fundar, a nível formal e de conteúdo, novos significantes e significados. A escrita feminina, assim, viabiliza uma escrita produtora e formadora da linguagem. Dessa forma própria do escrever, tem-se Clarice, em “A maçã no escuro” (2020), que revela que o pensamento não é capaz de dizer tudo, que há um resto, impossível de ser assimilado: “Oh Deus, então não é com o pensamento que se ama! não é com o pensamento que construímos os outros” (LISPECTOR, 2020, p. 232). É desse “resto” que

¹³ A coragem feminina requer uma atenção especial a fim de produzir um sentido próprio dessa expressão. “Coragem” como virtude é amplamente conhecida como um atributo masculino. Ao recuperar este trecho de Cixous o intuito é formar, juntamente ao argumento da escrita feminina, uma coragem feminina. Assim, esta economia libidinal feminina transgressora viabiliza uma coragem própria que, para as mulheres, significa *ir sem medo de ter medos*; reivindica um fazer possível com a experiência inevitável do medo, dada a discriminação do feminino.

pavimenta-se o núcleo da economia feminina, desse caráter que escapa à Razão e que faz movimentar o “tormento do significante”, radicalmente literário.

3. A ENUNCIÇÃO DA MULHER

De acordo com Ramose (2011), a ontologia é o estudo do *Ser* e diz respeito à investigação dos elementos que compõem aquilo que existe. Em decorrência do processo de colonização e de instituição do patriarcado, houve a supressão e a exclusão ontológica de formas de ser em detrimento de outras: como a supressão da negritude em detrimento da branquitude, a supressão da mulheridade em detrimento da masculinidade, a supressão da orientalidade em detrimento da ocidentalidade, etc. Isto aconteceu porque a lógica de organização societária instalou-se em função do conceito de “universalidade”, de forma que o que sobrasse ao conjunto primordial foi considerado como “alteridade”. Para repensar essa lógica de universalidade, com base em uma proposta de inclusão, Ramose pensou o conceito de *pluridiversidade*, no qual o universo não possui um centro, mas sim cosmos pluridiversos.

Dialogando com essa perspectiva decolonial, Cixous entende que, em uma sociedade regida sob a lógica do universal, a mulher ocupa o lugar de alteridade quando comparada à supremacia do homem. É nesse sentido que a autora propõe o trabalho de fazer surgir, a partir do processo de escrita, a mulher sujeito: “(...) uma mulher sujeito-universal, que deve levar a mulher a realizar-se em seu(s) sentido(s) e em sua história” (CIXOUS, 2022, p. 42). Dessa forma, na determinação da condição primária do “ente mulher”¹⁴, Cixous compreende que há vários sentidos de expressão do *ser* e, por isso, dialoga com a perspectiva de pluriversidade ineliminável do *ser* também defendida por Ramose.

Além disso, Cixous ressalta que, embora tenha existido uma tentativa de recalque – e um recalque parcial, de fato – do feminino e da mulher, estas expressões de *ser* relutam e conseguem borrar a barreira do apagamento em prol de sua representação. Ela diz: “(...) não há, ainda hoje, apesar da enormidade do recalque que as manteve nessa “escuridão” (...), uma mulher genérica, uma mulher tipo” (CIXOUS, 2022, p. 42). Ao trazer essa perspectiva de que a mulher se constitui não por uma generalidade ou tipo, mas por suas infinitas particularidades, Cixous revela mais

¹⁴ Na metafísica, “ente” é entendido como *ser*, objeto que compõe a moldura do real, e possui suas categorias e condições de existência.

uma vez a perspectiva pluridiversa na compreensão do mundo, a fim de alcançar a noção singular, única, de quem – mulher – *sujeito-que-escreve*.

Para a psicanálise freudiana, o recalque é o processo ativo existente no inconsciente que visa manter inacessível ao consciente ideias e representações ligadas às pulsões, cujas realizações afetariam o equilíbrio psíquico (ROUDINESCO, 1998, p. 647). Entretanto, embora o recalque seja uma função fundadora do inconsciente, ela necessariamente falha, pois, é assim que se formam os sintomas, angústias e inibições. Por esse motivo, o recalque de uma representação pulsional nunca é total, exigindo um dispêndio constante de energia para a sua repressão, que necessariamente falha de forma parcial.

Nesse contexto, Cixous se utiliza da teoria do recalque para fazer um paralelo com a condição da mulher na sociedade. Para ela, a estrutura patriarcal/colonial tentou solidificar a exclusão e o apagamento da mulher. Entretanto, como diz a própria teoria, o recalque de uma pulsão – sendo a mulher o elemento pulsional –, nunca é total, e por conta disso, tende a retornar e pressionar ao acesso à consciência. Dessa forma, a mulher seria essa representação pulsional que, recalcada, retorna e exige ser representada social, histórica e literariamente.

Ao falar acerca do apagamento sistemático de mulheres na sociedade, na literatura e na história, Cixous retrata que a tentativa de deixar inconsciente a representação da mulher foi falha: “E olhem quem está de volta, aquelas que estão sempre retornando: porque o inconsciente é indomável” (CIXOUS, 2022, p. 46). Este trecho revela a intertextualidade da autora acerca do inconsciente e dos seus processos. Na psicanálise freudiana o inconsciente é, muitas vezes, associado à parte mais profunda de um “iceberg”, isto é, à parte inacessível à consciência, a qual é construída por elementos recalcados, que tendem a exercer uma força em prol de sua realização. Por essa razão, é pensado o retorno do recalcado, que pode acontecer por duas vias: pela formações inconscientes, como a angústia, o sintoma e a inibição, e/ou pela sublimação, que se trata da dessexualização da pulsão, possibilitando outros destinos de satisfação. Desse modo, Cixous se utiliza de conceitos da psicanálise para defender que a tentativa de recalque e, portanto, de manter inconsciente as expressões do ser mulher, necessariamente irá falhar, pois cabe aos elementos recalcados operarem sob a tentativa de recalque uma força que revela a sua expressão e que acaba por abrir caminhos para a sua representação.

Um outro ponto importante quanto a essa associação ao inconsciente, é o paralelo que a autora faz com o “negro” e a “escuridão” como sendo atributos desse lugar de apagamento, que

não recebe a luz da consciência. Entretanto, essa “região negra” não só é revestida de investimento para que se mantenha em desconhecimento, mas também recebe uma alteração de sentido no que tange à consolidação de um sentido pejorativo para a sua existência. Ao se referir às mulheres, que estão nesse “continente negro” que é o inconsciente, Cixous diz: “(...) você é África, você é negra. Teu continente é negro. A escuridão é perigosa. Na escuridão você não vê nada, você tem medo. (...) O horror à escuridão, nós o internalizamos” (CIXOUS, 2022, p. 46). Portanto, revela-se que a interiorização do sentido masculino acerca da identidade da mulher operou nas formações psíquicas das mulheres de modo que estas concebem a condição feminina pelo horror à esta posição.

Nos estudos acerca da filosofia africana, debate-se a importância da oralidade como produção de saber. Hampaté (2010) sustenta que no mundo moderno a escrita tem precedência e maior importância à oralidade, pois representa o maior veículo de informação e de disseminação da verdade. Por esse motivo, povos que estabeleceram suas tradições sem a escrita são considerados povos sem cultura, sofrendo a invisibilização de suas práticas. Para o autor, há uma importante revelação feita pelos povos que se utilizam da oralidade como cadeia de transmissão de valores em detrimento de documentos escritos: uma maior relação com a palavra. Ele diz:

E, pois, nas sociedades orais que não apenas a função da memória é mais desenvolvida, mas também a ligação entre o homem e a Palavra é mais forte. Lá onde não existe a escrita, o homem está ligado à palavra que profere. Está comprometido por ela. Ele é a palavra, e a palavra encerra um testemunho daquilo que ele é. A própria coesão da sociedade repousa no valor e no respeito pela palavra (HAMPATÉ, 2010, p. 2).

Nesse contexto, a fala passa a ser o próprio processo de construção de saberes, o qual materializa, em movimento, e pela exteriorização de vibração de forças, o conhecimento. Revela-se crucial que essa óptica pluridiversa de produção de saber desvia claramente da lógica totalitária imposta pelo ocidente masculinista no qual a escrita é detentora da Razão. Por conta disso, Cixous compreende que a produção de saberes feita pela classe feminina envolve uma certa familiaridade com a oralidade: “Por que essa relação privilegiada com a voz? Porque nenhuma mulher empilha tantas defesas antipulsionais quanto um homem o faz” (CIXOUS, 2022, p. 54). Para a autora, a força pulsional existente na palavra feminina, tanto na oral quanto na escrita, revela a estreita relação com a linguagem libertadora que, em movimento, atravessa tudo.

A enunciação da mulher, portanto, perpassa a criação de uma realidade possível, a partir da escrita – com força oral –, de múltiplas existências. Essa produção de um mundo possível é um trabalho imaginativo, projetivo, que toma corpo na ficção, mas que se concretiza, pelas palavras, na realidade. É sob essa perspectiva que Cixous retoma que na constituição subjetiva de uma mulher há a contribuição imensurável do papel de outras mulheres: “*Mulher para mulheres: na mulher sempre se mantém a força produtiva do outro, em particular, de outra mulher*” (CIXOUS, 2022, p. 54). Sendo assim, Cixous enfatiza que tudo mudará quando as mulheres perceberem a importância dessa contribuição, e que não resta outra alternativa a não ser voltar-se ao dever de devolver essa contribuição feminina, com mais contribuição feminina: é este o ponto inicial de sua enunciação enquanto Sujeito.

Para a psicanálise, a enunciação enquanto Sujeito é um movimento estrutural de todo indivíduo. A começar pela diferença etimológica e simbólica entre sujeito e indivíduo: sujeito diz respeito a uma constituição subjetiva, ao passo que indivíduo diz respeito a representação social desta constituição subjetiva. Sendo assim, segundo Iaconelli (2022), as funções constituintes da subjetividade são fomentadas pelos cuidadores de um indivíduo, e elas podem ser classificadas em: “*supor sujeito, estabelecer demandas, alternar presença e ausência e introduzir alteridade*” (IACONELLI, 2022, p. 198).

Num primeiro momento, a enunciação – ou construção – subjetiva de um indivíduo perpassa a “suposição do sujeito”, momento no qual os cuidadores tratam o bebê recém-nascido enquanto um sujeito antes mesmo que a função individualizante¹⁵ esteja estruturada. Trata-se, assim, de uma interação para com esse bebê recém-nascido que antecipa as suas formações e maturações psicológicas, como a interpretação de vociferações primárias por demandas e pedidos repletos de significados. Esta etapa tem a função de revestir simbolicamente o novo elemento que é o bebê, humanizando-o.

Por seguida, o momento de “estabelecer demanda” trata-se de uma ampliação do primeiro momento, pois, aqui, busca-se supor que o bebê demanda ao cuidador determinado objeto, fazendo girar a cadeia responsiva na qual o cuidador deverá se responsabilizar em responder a este pedido. Nesta etapa há, assim, a suposição de que o bebê é um sujeito desejante, já que os

¹⁵ Na psicanálise muito se fala sobre a divisão significativa entre o “Eu” e o “Sujeito do inconsciente”. O “Eu” é da ordem da consciência, estrutura na qual se encontram as defesas. O “Sujeito do inconsciente”, por outro lado, diz da estrutura inconsciente, na qual há a força motriz do psiquismo, as pulsões, que fundamenta o desejo.

mínimos movimentos/vociferações do bebê são alocados nas cadeias simbólicas do mundo pelo adulto que cuida. Logo, há a introdução, na relação entre bebê e adulto, da fórmula do desejo.

A próxima etapa é a de “alternar presença e ausência”, na qual é operada a função intervalar entre a demanda do bebê e a resposta de quem cuida. O adicional aqui é que há uma carga de sentido própria do bebê que é construída, posto que ele haverá de conceber subjetivamente os momentos de ausência da resposta do cuidador, já que nem toda demanda é atendida imediatamente, e nem por inteiro. Por essa razão, a lógica do desejo fundamenta a sua estrutura, já que é concebida neste terreno em que o bebê haverá de lidar, com base em sua vida interna, com a espera e com a não resposta imediata do cuidador.

Por fim, tem-se a etapa de “introduzir a alteridade”, que é responsável por permitir a separação da criança a partir dos limites impostos pelo cuidador, uma vez que é apresentada à criança a impossibilidade de satisfazer-se por completo, a realidade da frustração e a condição radical de que o mundo não se limita à relação cuidador e bebê, independe de sua existência e não existe para suprir as suas demandas. A etapa da separação – e consequente individualização do bebê – é precedida, portanto, da etapa de alienação, que trata-se desse momento em que o bebê se vê fundido ao mundo do adulto, tendo a sua constituição subjetiva ornamentada pelo mundo subjetivo do adulto.

O investimento subjetivo repleto de expectativas feito pelos adultos que cuidam é uma condição necessária para a pavimentação subjetiva da criança, pois, separando-se desta posição alienante, a criança passa a introduzir o seu próprio mundo subjetivo na relação com o cuidador. Iaconelli (2022) enfatiza que no paradoxo alienação e separação, trata-se de um movimento de duas forças opostas que atuam conjuntamente na enunciação subjetiva de um Sujeito: “O sujeito se funda a partir do desejo de outro sujeito para dele se separar na assunção do próprio desejo, que sempre será referido ao primeiro” (Ibid., p. 2002).

Na enunciação da mulher, portanto, trata-se de um processo voltado para os passos de constituição subjetiva de um sujeito, no sentido da investigação acerca da pavimentação da lógica do desejo, ao mesmo tempo em que se busca relacionar esse processo constitutivo da subjetividade ao movimento de escrita feminina, defendido por Cixous. Assim, entende-se que o movimento de expansão da lógica de escrita feminina fomenta uma alternativa mais emancipatória de subjetivação de mulheres. Como enfatiza Iaconelli (2022), a constituição subjetiva de um indivíduo se dá na relação com os cuidadores, e na estruturação individual e

interna da criança que resulta dessa relação, mas também é fundamentada pela engrenagem social da qual faz parte. Por conta disso, no que tange à constituição subjetiva de mulheres, a engrenagem social que se destina a difundir os ideais de feminilidade opera-os em prol da subserviência ao ideal masculino.

Segundo Kehl (2016), o importante fenômeno de histeria vivenciado no século XIX pelas mulheres vitorianas representava, psicopatologicamente, uma recusa das mulheres aos ideais de feminilidade. Desse modo, representava-se por sintomas, angústias e inibições um conflito que, em sua raiz, estava voltado a uma contradição social: o massivo movimento de docilização e domesticação de mulheres acabou por adoecê-las. Este evento histórico permite pensar em como a cultura faz parte dos processos de adoecimento mental, sendo possível compreender o oposto, que a cultura pode, também, emancipar sujeitos.

A teorização acerca da construção subjetiva da mulher enfrentou barreiras no problema, pensado por Iaconelli (2022), chamado *maternalismo*. O maternalismo é o discurso que sustenta e reitera o lugar da mulher na sociedade, nas funções de mãe e trabalhadora doméstica. Para a autora, a psicanálise freudiana corroborou com o discurso maternalista, no sentido de que Freud concebeu a maternidade como o local de maior satisfação e de maturidade subjetiva para a mulher adulta: “À questão sobre o enigma do desejo feminino, Freud responde que o filho, de preferência homem, é a razão última da sexualidade feminina e um substituto sexual legítimo. No lugar da satisfação sexual, o grande prazer da mulher estaria atrelado à maternidade” (IACONELLI, 2022, p, 43).

Esta perspectiva freudiana é amparada na descoberta em relação à sexualidade infantil, feita no texto “Organização genital infantil” (1923/2021), no qual Freud destaca que a infância remonta uma fase de escolha de objeto que ressoa na maturidade, na qual há a subordinação das pulsões parciais ao primado dos genitais. Dito isso, Freud afirma que a organização genital infantil “reside no fato de que, para ambos os sexos, apenas um genital, o masculino, possui um papel (...). Portanto, não há um primado genital, mas um primado do falo” (2021, p. 239). Dessa forma, o complexo de castração incide uma falta na realidade sexual de ambos os sexos, masculino e feminino, mas essa falta opera apenas em torno da possibilidade ou da consumação da perda do pênis.

Segundo Betty Friedan (1963/2006), a perspectiva freudiana contribuiu para realocar a mulher nos papéis tradicionais, dificultar o seu crescimento pessoal e o desenvolvimento de seu

senso de identidade. A autora sustenta esse argumento na perspectiva de que, ao alocar o ponto máximo do desenvolvimento pessoal da mulher nas funções de mãe e esposa, Freud acaba por podar a verdadeira busca de autorrealização pessoal das mulheres, já que estas funções, ser mãe e esposa, servem ao desenvolvimento pessoal de outras pessoas, como filhos e maridos, mas não de si próprias: “Esposas e donas de casas que vivem de acordo com a mística feminina não têm um propósito pessoal que se estenda para o futuro” (FRIEDAN, 2006, p. 393). Desse modo, em vista dessa ocupação de não assumir o verdadeiro potencial de habilidades de uma mulher, e ser destinado à realização de outras pessoas, o senso de identidade e de crescimento pessoal de mulheres atrofiam-se.

A limitação do argumento freudiano acerca do vir-a-ser da mulher aparece, sobretudo, no que tange à identificação entre a posição social da mulher – isto é, os atributos sociais de feminilidade –, e a sexualidade, o que, segundo Parente e Silva (2020), acabou por reforçar estereótipos e estigmas sociais. Nesse sentido, de acordo com Gallop (2001), é com a psicanálise lacaniana que essas críticas tomaram um novo rumo, sendo possível associar a psicanálise aos discursos feministas, uma vez que Lacan – diferentemente de Freud que, de acordo com as críticas, centra a sexualidade em uma via masculinista –, desloca a sexualidade para a linguagem, teorizando um percurso linguístico do tornar-se mulher. Desse modo, a ampliação da concepção de sexualidade freudiana dá-se, na psicanálise lacaniana, ao invés da primazia do pênis, com a primazia fálica, pois cabe a esta transpor o falo para a ordem simbólica, tornando-o uma questão da linguagem, sendo o falo o atributo que, no plano simbólico, tenta mascarar a castração (RABINOVICH, 2005).

Sendo assim, no “Seminário XX, Mais ainda” (1975/2010), Lacan desenvolve o argumento de que a “mulher é não-toda” (2010, p. 18), isto é, a mulher não está no todo fálico – uma vez que, ao logicizar o Édipo, o autor estrutura o inconsciente como uma lógica, entendendo que a mulher ocupa o “outro gozo”, o gozo suplementar –, que, de acordo com Soler (2006), não se trata da exclusão da referência do falo, já que é somada à ele ao se situar em um outra lógica: a do não-todo. Assim, esta lógica diz do furo do “significante mulher” no inconsciente, que produz uma tentativa de recobri-lo através de “máscaras”, isto é, de tentativas de representações da expressão do feminino (FUENTES, 2009). Nesse sentido, por não haver, na relação sexual, a universalização da mulher, há infinitas representações do feminino que não cessam de não se inscrever no inconsciente, posto que, para Lacan:

Não há mulher senão excluída pela natureza das coisas que é a natureza das palavras, e temos mesmo que dizer que se há algo de que elas mesmas se lamentam bastante por hora, é mesmo disto [...]. (LACAN, 1985, p. 99).

Dito isso, embora, segundo Soler (2005), Lacan se esforce para transpor o falo para a ordem simbólica, tornando-o uma questão linguística, ainda há uma aproximação entre a sua tese e a tese freudiana no que tange ao “falocentrismo” no inconsciente. Essa relação entre os autores se dá na medida em que, para Lacan, sob uma leitura freudiana, a regência do falo no inconsciente opera como um significante predominantemente vinculado ao sexo (Ibid., p. 28). Desse modo, essa operação pode ser vista em “A significação do falo” (1958), texto no qual Lacan insiste na prevalência do complexo de castração no inconsciente e no papel sexual:

(...) o complexo de castração inconsciente tem uma função em nós: 1º na estruturação... dos sintomas..., 2º numa regulação do desenvolvimento..., ou seja, a instalação, no sujeito, sem a qual ele não poderia identificar-se com o tipo ideal de seu sexo... (LACAN, 1958, p. 465).

Cixous oferece, em seu trabalho e em sua vida intelectual, um diálogo com os estudos lacanianos, posto que atuou juntamente à construção dos seminários, sobretudo no que se refere à produção da crítica. No cenário intelectual francês, em que a psicanálise lacaniana ganhava maior dimensão, a autora se ocupou em tensionar os postulados lacanianos que endossaram a estigmatização das mulheres. Postulados estes que, desde Freud, que se ocupara em retratar a mulher enquanto um “mistério” à investigação psicanalítica, acabam por corroborar com a suposta dificuldade e abstração acerca do desejo e da condição feminina. Desse modo, Cixous (2022) compreende que a teoria lacaniana conserva o “santuário do Falo” (Ibid., p. 61), o qual corrobora com a produção de sentidos negativos quanto ao entendimento e à concepção da mulher:

Mas nada nos obriga a depositar nossa vida em bancos da falta, a considerar a constituição do sujeito em termos de drama de repetições lancinantes, a aumentar cada vez mais a religião do pai. Pois não queremos fazer isso. Nós não andamos em círculos adorando o buraco supremo. Nós não temos nenhuma razão de mulher para ter que jurar lealdade ao que é negativo (CIXOUS, 2022, p. 61).

Segundo Tavares e Iannini (2021), Freud, em “O Infamiliar” (1919/2021), ao examinar o tabu da virgindade, atribui o caráter de horror próprio do sentido desenvolvido sob o termo do

infamiliar – enquanto o conteúdo estranho e angustiante daquilo que emerge do recalado –, ao horror à mulher, pois este horror estaria justificado pela diferença radical entre homens e mulheres, que é estruturada sob o entendimento da condição feminina enquanto estranha, incompreensível e enigmática. Além disso, a estranheza da condição feminina, para Freud, mobiliza a hostilidade masculina, já que a angústia é acionada por situações inabituais, “que trazem consigo algo novo, inesperado, incompreensível, infamiliar (FREUD, 2021, p. 162).

Em “A questão da análise leiga” (1926/2020), Freud associa às mulheres ao “continente negro”, que é isso que remete ao inconsciente, ao desconhecido, no sentido de dizer daquilo que é pouco conhecido à investigação psicanalítica. Assim, Cixous retoma esse termo em seu ensaio, de modo a propor, sob a intertextualidade, um questionamento acerca do sentido proposto por Freud. Para ela, o “continente negro” não é nem escuro, nem inexorável; é aquilo que foi implantado pela doutrina masculina enquanto sentido à condição feminina e que serviu de instrumento ideológico de alienação para as mulheres: “Ele só se mantém até agora como inexplorado porque nos fizeram acreditar que ele era escuro demais para ser explorável. E porque querem nos levar acreditar que o que nos interessa é o continente branco, com seus monumentos à Falta” (CIXOUS, 2022, p. 61).

No texto “O Seminário, livro 1” (1979/2009), Lacan compreende que o enunciado é uma faceta da dimensão da linguagem em que se é dito através da natureza do sujeito, isto é, contém questões relativas ao sujeito do inconsciente. Num processo de análise, portanto, cabe ao analista saber provocar no analisando a passagem da fala vazia – que é a fala em que o sujeito do inconsciente não pode advir em função das defesas da consciência – e a fala plena, que é a fala da enunciação do sujeito do inconsciente. Diante disso, Cixous compreende que o mesmo processo se dá com a tomada de consciência das mulheres acerca de sua situação na sociedade. Cabe às mulheres perceberem, por meio da educação crítica, da filosofia, das ciências sociais, das artes, da literatura, do feminismo, dos movimentos sociais e da psicanálise (e análises pessoais), que os significados sociais existentes às suas existências obedecem a uma lógica que esconde a verdadeira potência e possibilidade existencial que elas possuem, sendo necessário uma passagem da “compreensão vazia” à “compreensão plena” de suas potencialidades.

Dito isso, a enunciação da mulher compreende o momento de tomada de consciência acerca das possibilidades de autonomia acerca de seus próprios sentidos e potências relativo às mulheres, processo este que é tanto individual quanto coletivo. Para Cixous, as mulheres

sempre operaram a partir de significantes e discursos masculinos, em que era difundida a ideia de oposição e de desqualificação das produções próprias do universo feminino. Com isso, a enunciação da mulher diz respeito ao surgimento e à consolidação de sentidos, produções e conhecimentos próprios à comunidade feminina, que consegue enfrentar de igual o que outrora fora concebido como universal: “Se a mulher sempre funcionou “dentro” do discurso do homem (...) é hora dela deslocar esse “dentro”, de explodi-lo, de revirá-lo e de se apropriar dele, de o transformar em seu, compreendendo-o, tomando-o” (CIXOUS, 2022, p, 67).

4. DA SUBJETIVAÇÃO À EMANCIPAÇÃO

A mobilização acerca da produção literária realizada por mulheres se relaciona, para Cixous (2022), com a possibilidade de rupturas sociais e históricas no que se refere à condição feminina na sociedade. Por isso, mobilizar as mulheres a escrever é um chamado não só literário e estético, mas também político e social, porque possibilita a invenção de uma escrita original, que promove o processo de compreensão e de emancipação de mulheres, no que tange à realização de transformações indispensáveis na história.

Em primeiro lugar, para a autora, escrever é um processo que devolve à mulher o seu próprio corpo, bem como os seus próprios pensamentos, elementos dos quais elas foram fortemente desencorajadas a acreditar e apostar, tendo em vista o caráter desmotivador da estrutura patriarcal quanto ao acervo e universo feminino. Escrever, portanto, confere às mulheres uma revolução, num primeiro momento, individual e subjetiva, pois dá vazão aos conteúdos internos que precisam ganhar significação e sentidos no curso próprio da produção literária, que resvala na produção de novos mundos e possibilidades: “Escreva-te: é preciso que seu corpo se faça ouvir. Só assim jorrarão as imensas fontes do inconsciente”¹⁶ (CIXOUS, 2022, p. 51).

Tendo isso em vista, Cixous estabelece que a escrita feminina é uma forma de aproximar as mulheres do exercício de sua sexualidade. Este ponto importa no sentido do argumento psicanalítico freudiano do início da investigação acerca da sexualidade feminina, no século XIX. Para Freud, em “Estudos sobre a histeria” (1895/2016), as “histéricas” eram mulheres que

¹⁶ Na filosofia de Sócrates, o imperativo oracular do “Conhece-te a ti mesmo(a)”, que é entendido enquanto um resultado advindo do “daimon”, isto é, da voz interior que guia e que está articulada ao divino; é, na filosofia contemporânea, concebida como o “desejo”. Em ambos os casos, para acessar a potência criativa interna, é preciso exteriorizar quem se é, em palavras, ações ou obras.

sofriam de reminiscências, no que tange ao retorno, em memória ou somatização, de elementos relativos à sexualidade que foram recalçados inconscientemente pela censura. A formação dos sintomas histéricos, portanto, tem como fundamento as normas societárias acerca das condutas femininas, que, embora tenham mudado do século XIX para o século XXI, preservam as estruturas discriminatórias no que tange ao exercício da sexualidade feminina, que provoca efeitos adoecedores e repressores nas mulheres atualmente.

Além disso, o argumento de Cixous, no que tange ao exercício da sexualidade feminina por meio da escrita, relaciona-se com a perspectiva psicanalítica acerca do que é a sexualidade. Para Freud, em “As Pulsões e os seus Instintos” (1915/2021), a sexualidade é aquilo que é da ordem da disposição psíquica, e não apenas orgânica, da própria operação pulsional da atividade humana. Nesse sentido, é possível compreender que a escrita é, também, uma forma de exercer a sexualidade, já que permite ao humano exercer a sua parcela de atividade perante aos elementos do mundo, e se satisfazer com isso. Dessa forma, a escrita feminina viabiliza o acesso à sexualidade feminina: “Escrever, ato que não somente “tornará real” a relação des-censurada da mulher com sua sexualidade, com o seu ser-mulher, permitindo-lhe o acesso às suas próprias forças (...)” (CIXOUS, 2022, p. 51).

Diante disso, Cixous estabelece uma crítica à formação superegoica¹⁷ das mulheres que, no seu ponto de vista, é fundamentalmente autoritário e perpetua processos de culpabilização em relação ao desejo. Essa percepção correlaciona-se com o argumento freudiano do masoquismo feminino, explorado no texto “Bate-se numa criança: contribuição para o estudo da origem das perversões sexuais” (1919/2021), no qual é associado ao masoquismo primário, erógeno, acerca da experiência do prazer na dor, à posição feminina. Assim, formula-se no pensamento científico uma relação entre os processos de formação do sadismo superegoico com o consequente castigo e sofrimento atuantes na consciência com as características fundamentais da feminilidade. Para Naomi (1990/2019), no texto “O mito da beleza”, a justificativa de muitas mulheres vivenciarem o masoquismo, por meio de complexos alimentares e disforias de imagem e corpo, vem por consequência de uma condição social hostil, discriminatória e violenta no que tange à condição da mulher na sociedade, que se volta para a perpetuação dessa hostilidade em suas próprias vidas, corpos e pensamentos.

¹⁷ Para a psicanálise freudiana, a formação superegoica diz respeito à formação da estrutura do superego, que se trata da consciência moral que atua de forma a reprimir os conteúdos advindos do inconsciente, promovendo uma cisão na consciência humana.

Nesse sentido, Cixous compreende que o ato de escrita, por proporcionar o contato com elementos que sofreram efeitos do recalque, isto é, da censura emitida pelo superego de conteúdos que ameaçam a estabilidade psíquica, possibilita às mulheres dar contornos e sentidos novos aos produtos do seu inconsciente e, por isso, proporciona novas formas de experienciar o prazer. Com isso, a autora compreende que a experiência de culpabilização em massa de mulheres, tanto social, quanto interna a cada mulher, tem suas origens na representação social acerca da mulher enquanto causadora do mal, da desordem à ordem masculina. Cabe à produção textual de cada mulher viabilizar o dizer acerca de suas próprias potências e impotências, contribuindo para a ruptura do silêncio que fora imposto.

Além disso, Cixous politiza o argumento da escrita feminina ao trazer a perspectiva de que “uma mulher sem corpo, muda, cega, não pode ser uma boa combatente” (CIXOUS, 2022, p. 52). Para Lorde (2021), no texto “Os usos da raiva: as mulheres reagem ao racismo”, toda mulher tem o arsenal da raiva repleto de ferramentas que podem ser usadas contra a opressão. Assim, a origem da raiva fornece habilidades, quando bem elaboradas, de proporcionar o progresso, a ruptura e a mudança. Nesse contexto, quando Cixous estabelece que o silenciamento e o apagamento de mulheres coaduna com o projeto de enfraquecê-las politicamente, é possível pensar o oposto: que o projeto de fortalecer mulheres politicamente, por meio do exercício do arsenal subjetivo, viabiliza a construção de um combate real à opressão masculina.

Diante dessa perspectiva, a obra “Amar para sobreviver: mulheres e a síndrome de estocolmo social”, Graham (2021) oferece uma importante contribuição acerca do entendimento da psicologia da mulher ao considerar a violência masculina como formadora de subjetividades. Nesse quesito, a autora argumenta que a subjetividade feminina não é algo natural ou intrínseco à mulher, tendo em vista os aspectos de passividade, heterocentrismo na figura masculina e subserviência, uma vez que a cultura masculinista proporciona esse tipo de socialização. Para ela, as mulheres são socializadas, sobretudo, pelo fator do medo da coerção masculina, o qual se equipara às reações de reféns perante seus sequestradores, por isso a utilização do termo “síndrome de estocolmo social” em seu trabalho.

Nessa lógica, Graham (2021) sustenta que assim como os sequestradores precisam aterrorizar os reféns para conseguir o que querem, os homens atuam sob o mesmo sistema de, a partir do medo, coagir as mulheres em prol de terem suas demandas atendidas, como os serviços sexuais, emocionais, domésticos e reprodutivos. Assim, a subjetividade feminina teria como

expressão a feminilidade¹⁸, que é um produto, para a autora, da experiência de ter de agradar o opressor. Segundo Graham (2021), a feminilidade é o “conjunto de comportamentos que agradam os homens (dominantes), porque comunicam que a mulher está de acordo com seu status de subordinado” (Ibid., p. 10). Logo, a internalização da feminilidade e a consequente subjetivação das mulheres sob esta lógica fundamenta a criação e solidificação de estratégias de sobrevivência no nível da personalidade, reforçando a adesão à lógica opressiva.

Esta perspectiva de outrificação em relação à tendência feminina de buscar agradar e voltar-se ao universo masculino, também ganha força no argumento de Cixous (2022), que compreende que uma das maiores exigências da cultura masculina às mulheres é a adoração. Por esse motivo, estrategicamente o patriarcado solidifica a ideia de que as mulheres irão realizar-se com a realização masculina:

Nós nos afastamos de nossos corpos, que nos ensinaram vergonhosamente a ignorar, que nos ensinaram a bater com aquele estúpidos pudor; deram-nos o velho golpe do ouro de tolo; cada um amará o outro sexo (CIXOUS, 2022, p. 64).

Nos estudos acerca da psicologia da mulher, que pretendem entender a formação da subjetividade feminina, tendo em vista o processo de opressão masculina existente na sociedade, a pesquisadora Zanello (2022) propõe um importante questionamento. De acordo com Zanello (2022), as mulheres são submetidas, pelo processo de subjetivação, a mecanismos sociais que moldam seus comportamentos e funcionamentos simbólicos e psicológicos baseados nos dispositivos amorosos e maternos. Para a autora, o dispositivo amoroso é este em que a identidade da mulher passa a ser validada pela possibilidade de “ser escolhida” por um homem, e o materno é este em que a mulher é responsabilizada, sob o argumento de seu papel social ser algo natural e intrínseco, a cuidar dos outros.

Por outro lado, para Zanello (2022), os homens são moldados pelo mecanismo da eficácia, que é este em que requer a virilidade sexual e laborativa, posto que a função social do homem consiste na boa performance na vida sexual – vide as exigências de sexualização das mulheres como objeto sexual/afetivo –, e no âmbito público organizacional. Com isso, o mecanismo de eficácia dos homens necessita que as mulheres voltem-se às exigências de

¹⁸ Feminilidade aqui é entendida criticamente, no sentido de que é o resultado da internalização e consequente criação de uma “identidade feminina” que adere à lógica masculinista, tendo em vista a socialização de mulheres sob a ordem patriarcal.

cuidados, tanto doméstico, emocional e sexual, a fim de que seja possível atingir as performances organizacionais. Do ponto de vista sexual, a tendência heterossexual colabora com o silenciamento e relativização das necessidades e desejos das mulheres, perpetuando uma lógica autocentrada na realização e satisfação masculina, oferecendo pouco ou nenhum espaço para a expressão autêntica e fundamental no âmbito sexual à categoria feminina. A cultura heteronormativa, portanto, sustenta uma ideologia hegemônica quanto às possibilidades de existência e de satisfação para as mulheres, quase sempre empobrecida simbolicamente.

A partir dessa compreensão, Aguiar (1997) preconiza que as concepções e estudos acerca da história tendem a conceber um sujeito produtor da história, que passa a ser a-situacional e universal, isto é, incapaz de demarcar diferenças entre as existências femininas e masculinas. Com base nisso, para a autora, as definições e demarcações históricas hegemônicas, se levadas em consideração diante do ponto de vista feminino, não funcionam e produzem ruídos de sentidos legítimos. Por essa razão, os estudos acerca da inclusão histórica da mulher, ou ainda acerca da produção da historiografia da mulher, permitem que o sujeito da história não seja admitido enquanto universal, possibilitando destaques à experiência feminina enquanto sujeito histórico situado.

Com base nisso, Cixous (2022) formula que a escrita feminina possibilita a tomada da palavra por parte das mulheres, o que – considerando a necessidade de produzir a história de acordo com os sujeitos históricos cujas demarcações históricas os compõem – fomenta a produção, a criação e a promoção da história das mulheres. Contar essa história, assim, viabiliza a conquista dos direitos próprios às mulheres, os quais ampliam os sistemas simbólicos e políticos que estas podem ocupar. Dessa forma, a impressão da marca linguística propriamente feminina, tanto oral, quanto escrita, viabiliza uma expressão do corpo e da existência biográfica, portanto, material, da mulher.

Por esse motivo, compreende-se do argumento de Cixous (2022) que a conscientização das mulheres acerca do seu próprio processo de subjetivação, o qual se fundamenta nas bases lógicas masculinas, promove espaços para o questionamento e a ruptura de paradigmas. Com isso, considera-se viável a abertura de campos de emancipação tanto subjetiva, quanto social e política, posto que a tomada feminina da palavra promove sua inscrição na própria cadeia simbólica da organização do mundo e da história. Por conta disso, ao escrever, a categoria

feminina “produzirá efeitos de rearranjo político e social muito mais radical do que se quer pensar” (CIXOUS, 2022, p. 56).

5. CONCLUSÃO

Este trabalho comprometeu-se em partir de um ponto comum, a tese de Cixous acerca da escrita feminina, amplamente defendida no texto “O Riso da Medusa” (1975/2022), a fim de ampliar perspectivas no que tange à questão da autoria e da produção simbólica, cultural e política, consequentes à posição de quem escreve. Em razão disso, foi preciso contextualizar geográfica, ideológica e historicamente a autora em questão, a fim de ressaltar o seu caráter de transgressão à norma vigente, já posta por meio da sua posição de *estrangeira*, como mulher e argelina residente na França.

De início, buscou-se considerar a exclusão intencional feita por Cixous acerca das concepções de feminismo decorrente da Simone de Beauvoir, posto que, para a autora argelina, retomar a palavra de Beauvoir é, em certo sentido, retroceder a uma França datada em suas visões de classe e de raça e, por isso, necessita ir além ao considerar perspectivas decoloniais. Diante disso, ressaltou-se o trabalho de Oyèrónkẹ Oyěwùmí, no livro “A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero” (2021), no qual é admitido um questionamento a respeito da imposição de análises ocidentais acerca do gênero às sociedades africanas, viabilizando o descentramento do “feminismo tradicional”, o qual admite certa universalidade às suas categorias de análise. Ao pavimentar o solo da decolonialidade, Cixous consegue emergir com a novidade de sua tese: pensar a inscrição da mulher no âmbito político e social através do ato de escrita.

Nesse quesito, a escrita feminina é pensada enquanto um exercício de combate ao epistemicídio das narrativas femininas, e autoras como Virginia Woolf são tratadas como precursoras do movimento de se apropriar das questões relativas ao universo feminino para servir de motor ao processo de escrita. O movimento de *querelle des femmes* (querela das fêmeas), demarcado por Deplagne (2021), é citado como ponto fundamental no debate acerca da defesa à mulher, e o texto de Christine de Pizan, “A Cidade das Damas” (1405/2012), é referenciado como o momento inaugural da inscrição literária da mulher no combate à opressão estética e ética masculina.

Nesse aspecto, para compreender o argumento de que a escrita permite uma forma específica de produção, tanto a nível formal quanto de conteúdo, pensa-se o conceito de pulsão articulado por Freud (1915/2021), que se relaciona com o sentido de escrita pulsional admitido por Cixous em sua obra. A pulsão, portanto, é essa economia psíquica que demarca a disposição fundamental entre o somático e o anímico, que confere ao humano o caráter de atividade e busca por satisfação representativa naquilo que ele se empenha em criar. Desse modo, para Cixous (2022), a escrita feminina promove pulsionalmente um tipo específico de disposição, já que oferece uma força pulsional que não coaduna com a lógica fálica, mas que inscreve um *modus operandi* anti-utilitário, irracional, inacabado, antiestético.

É pensando a escrita feminina como a possibilidade de reformular e intervir sob a tradição falocêntrica uma outra lógica, que Cixous (2022) se compromete em redimensionar a história da *Razão*. Para ela, a história da *Razão*, isto é, daquilo que é tido como *verdade*, como *norma*, sempre foi articulada com os atributos masculinos e falocêntricos e, por esse motivo, perpetua a hierarquia sexual, a repressão do feminino, o imperativo libidinal-cultural-literário masculino e, conseqüentemente, o afastamento da mulher do ato da escrita. A autora, assim, faz da escrita feminina não só a possibilidade de disseminar um novo tipo de escrita, mas também a possibilidade de contradizer a norma dominante no que tange aos paradigmas de verdade.

Nesse contexto, é mencionado o importante trabalho feito por Cixous ao traduzir e contribuir no processo de levar à França os textos de Clarice Lispector. A autora argelina produziu um importante trabalho de análise textual ao trabalhar a tese de escrita feminina nos textos de Clarice Lispector. Para ela, Clarice é um dos principais expoentes do movimento de perpetuar a tipologia feminina no ato de escrever, especificamente no seu caráter de transgressão à classificação, o trabalho com aquilo que é impossível de ser assimilado e o rumo da literatura ao interminável, eterno.

Mais adiante neste trabalho buscou-se compreender a questão da escrita feminina como viabilizadora de caminhos possíveis para a enunciação da mulher. A enunciação é entendida como a construção de realidades possíveis através da escrita, e surge como resposta ao processo de recalque feminino. Assim, a psicanálise surgiu, mais uma vez, como operadora de conceitos, sobretudo para pensar a questão do recalque como mecanismo de relegar ao inconsciente aquilo que tem caráter ameaçador aos ideais sociais. Portanto, o recalque do universo feminino, pensado

sob esta ótica, permite articular com a perspectiva freudiana o apagamento intencional das narrativas e autorias femininas diante do imperativo masculino.

Nessa proposta, Iaconelli (2022), cujo trabalho amplia as concepções de construção constitutiva do sujeito iniciadas por Freud (1923/2021) e Lacan (1975/2010), foi abordada para elaborar a questão da enunciação como um problema da ordem da formação sujeito, que está intimamente articulado à cultura. Nesse sentido, a autora pensa, no que tange à formação subjetiva de mulheres, a incidência dos discursos maternalistas, que vinculam as mulheres aos atributos de mãe e de trabalhadoras domésticas. Desse modo, fez-se possível deslocar e desessencializar esses atributos à constituição feminina.

Somado a isso, as concepções de Freud (1923/2021) e Lacan (1975/2010) foram tomadas em suas particularidades, como campos que se entrelaçam, mas que possuem suas diferenças. Diante disso, a psicanálise freudiana foi concebida especialmente nas suas investigações a respeito da teoria do recalque, da conceitualização da pulsão e do entendimento da sexualidade feminina durante a elaboração da questão das “histéricas”. Sob essa perspectiva, articulou-se as barreiras enfrentadas pelo pensamento freudiano no âmbito da perpetuação da lógica masculina e falocêntrica. Por outro lado, Lacan (1975/2010) oferece concepções que avançam nesse sentido, posto que desloca à linguística as questões relativas à formação do sujeito, embora ainda perpetue, na visão Soler (2005), a transposição do falo à ordem simbólica, esbarrando de forma diferente na mesma questão que Freud (1923/2021).

Nesse aspecto, a questão da enunciação da mulher se apoia na concepção de que é preciso que as mulheres façam uma passagem na significação acerca das potencialidades de suas existências, tendo em vista que as palavras produtoras de significados que acoplam as existências femininas as relegam ao papel de alteridade. Desse modo, enunciar a mulher a partir da escrita sobre a mulher é uma forma de reivindicar lugares novos da simbolização da realidade.

Ao final do trabalho foi feita uma relação entre a produção de subjetividades femininas – e a consequente pacificação das mulheres, já que a formação constitutiva da subjetividade se ampara nos preceitos culturais acerca do ideal feminino –, e a necessidade política de tecer a crítica e a mudança a esse processo. Por conta disso, percebeu-se a contribuição do padrão de beleza, discursos maternalistas, disseminação do masoquismo feminino, precarização laboral e da secundarização da sexualidade na perpetuação de subjetividades femininas empobrecidas simbólica, social e politicamente.

Por fim, sustentou-se, mais uma vez, a tese da escrita feminina de Cixous (2022) como operadora dessa mudança. Nesse sentido, buscou-se a compreensão de que esta escrita viabiliza a inscrição de novas subjetividades, ou ainda de questionar os atributos opressores quanto à subjetivação de mulheres, de modo a *inscrever* no texto e no mundo o acervo nomeadamente feminino. Em suma, argumenta-se que essa inscrição permite a ruptura de paradigmas opressores e viabiliza rearranjos políticos e sociais de emancipação da classe feminina.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, N. **Gênero e Ciências Humanas: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres**. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997.

BEAUVOIR, S. **O Segundo Sexo: fatos e mitos**. 3. ed. vol 1. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2016.

_____. **O Segundo Sexo: a experiência vivida**. 3. ed. vol 2. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2016.

CIXOUS, H. **O Riso da Medusa**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022. (Obra original publicada em 1975).

_____. **A Hora de Clarice Lispector**. São Paulo: Editora Nós, 2022. (Obra original publicada em 1989).

DEPLAGNE, L. Querelle des Femmes: Mapeamento em Português. Blogs de Ciência da Universidade Estadual de Campinas. **Mulheres na filosofia**, Campinas, v. 7, n. 2, p. 28-42. 2021.

Disponível em :
www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/querelle-des-femmes-mapeamento-em-portugues/.

Acesso em: 25/01/2025.

FOUCAULT, M. **História da Loucura**. São Paulo: Perspectiva, 1978.

FREUD, S. “Bate-se numa criança”: contribuição para o estudo da origem das perversões sexuais. In: FREUD, S. **Neurose, psicose, perversão**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021. p. 123-156. (Obra original publicada em 1919).

_____. A feminilidade. In: FREUD, S. **Amor, sexualidade, feminilidade**. Belo horizonte: Autêntica, 2021. (Obra original publicada em 1933).

_____. **A questão da análise leiga.** São Paulo: Companhia das letras, 2020. (Obra original publicada em 1926).

_____. **As pulsões e seus instintos.** Belo horizonte: Autêntica, 2021.(Obra original publicada em 1915).

_____. **Estudos sobre a histeria.** São Paulo: Companhia das letras, 2016. (Obra original publicada em 1895).

_____. **Neurose, psicose, perversão.** Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

_____. O infamiliar. In: FREUD, S. **O infamiliar e outros escritos.** Belo Horizonte: Autêntica, 2021. (Obra original publicada em 1919).

_____. Organização genital infantil. In: FREUD, S. **Amor, sexualidade, feminilidade.** Belo Horizonte: Autêntica, 2021. (Obra original publicada em 1923).

FERRANTE, E. **História da menina perdida:** a maturidade-velhice. São Paulo: Biblioteca Azul, 2017.

FRIEDAN, B. **A mística feminina.** Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2022. (Obra original publicada em 1963).

FUENTES, M (2009). **As mulheres e seus nomes:** Lacan e o feminino. Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano. Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-16122009-090444/publico/Fuentes_DO.pdf. Acesso em: 25/01/2025.

GALLOP, J. Além do falo. **Cadernos Pagu**, v. 16, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/6hhjhtdQw8ZMfmNDCdBKQJ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 25/01/2025.

GRAHAM, D. **Amar para sobreviver:** mulheres e a síndrome de Estocolmo social. São Paulo: Editora Cassandra, 2021.

HAMPATÉ, A. A Tradição viva. In: ZERBO, K. **História geral da África, I:** Metodologia e pré-história da África. Brasília: UNESCO, 2010.

IACONELLI, V. **Manifesto antimaternalista:** Psicanálise e políticas da reprodução. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

IANNINI, G.; TAVARES, P. Freud e O infamiliar. In: FREUD, S. **O infamiliar e outros escritos.** Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

JAFFE, N. Posfácio. In: WOOLF, V. **Um teto todo seu**. São Paulo: Tordesilhas, 2014. p. 161-170.

KEHL, M. **Deslocamentos do feminino**: a mulher freudiana na passagem para a modernidade. São Paulo: Boitempo, 2016.

LACAN, J. A significação do falo. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 692-703. (Obra original publicada em 1958).

_____. **O Seminário, livro 1**: os escritos técnicos de Freud. Rio de Janeiro: Zahar, 2009. (Obra original publicada em 1979).

_____. **O Seminário, livro 20: mais, ainda**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

_____. **O Seminário, livro 20: mais, ainda**. Rio de Janeiro: Escola Letra Freudiana, 2010. (Obra original publicada em 1975).

LAQUEUR, T. **Inventando o sexo**: Corpo e gênero dos gregos a Freud. Rio de Janeiro. Relume Dumará, 2001.

LISPECTOR, C. **A maçã no escuro**. Rio de Janeiro: Rocco, 2020. (Obra original publicada em 1956).

LORDE, A. **Irmã outsider**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

MENA, F. Inveja do pênis, de Freud, é ridícula e falsa, diz Hélène Cixous. Folha de São Paulo, São Paulo, 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2022/03/inveja-do-penis-de-freud-e-ridicula-e-falsa-diz-helene-cixous.shtml>. Acesso em: 25/01/2025.

MILAN, B. **Sexo e escrita**. Festival Nacional de Mulheres nas Artes, 1982. Disponível em: <https://www.bettymilan.com.br/sexo-e-escrita/>. Acesso em: 25/01/2025.

NAOMI, W. **O mito da beleza**: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019. (Obra original publicada em 1990).

OYÈRÓNKÈ, O. **A invenção das mulheres**: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

PARENTE, A; SILVEIRA, L. **Freud e o Patriarcado**. São Paulo: Hedra, 2020.

PIZAN, C. **A Cidade das Damas**. Florianópolis: Editora Mulheres, 2012. (Obra publicada em 1405).

RABINOVICH, D. **A significação do falo**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2005.

- RAMOSE, M. Sobre a Legitimidade e o Estudo da Filosofia Africana. **Ensaaios Filosóficos**, v. IV, 2011.
- REGARD, F. AO! In: CIXOUS, H. **O riso da Medusa**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022. p. 7-25.
- REGARD, F.; SEGARRA, M. CIXOUS, Hélène. Meduse en Sorbonne. In: **Le Rire de la Méduse: Regards Critiques**. REGARD, Frédéric. REID, Martine (Orgs). Paris: Éditions Champion, 2015. p. 133-156.
- ROUDINESCO, E. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- ROWLEY, H. **Tête-à-Tête: Simone de Beauvoir e Jean-Paul Sartre**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2022.
- ROWLEY, H. **Tête-à-Tête: Simone de Beauvoir e Jean-Paul Sartre**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2022.
- WOOLF, V. **Profissões para mulheres e outros artigos feministas**. Porto Alegre: L&PM, 2020.
- _____. **Um teto todo seu**. São Paulo: Tordesilhas, 2014. (Obra original publicada em 1929).
- ZANELLO, V. **Prateleira do amor: sobre mulheres, homens e relações**. Curitiba: Appris, 2022.